

70256

REY  
CLi 0328  
SIST. 59425

03a0030-49 (03)

1. Reinaldo Moura
2. Meio de Semana
3. Correio do Povo
4. Crônica sobre a literatura - *leitura?*
5. Porto Alegre
6. 9 de junho de 1949
7. nº 210
8. Seção - Arte e Literatura
9. bom
10. Amélia Ester
11. 20 de abril de 1994

MEIO DE SEMANA

(Especial para o "Correio do Povo")

Reinaldo Moura

A novela é a viagem do pobre. Em algumas centenas de páginas o espirito atravessa o mar da noite, e

obtem uma recompensa pelos pequenos fracassos que a vida de todos os dias sistematiza ao longo do cotidiano. O espirito é perfeitamente gratuito até os limites de sua possibilidade de criar situações com os materiais esparsos de tantas ruínas. O livro leva para longe, mais rápido que os aviões transatlânticos com escalas em ilhas ausentes do mapa, mas onde a magia de um tempo recuperado na infancia coloca as figuras vigorosas do sonho. Todas as sombras que povoaram as aventuras marítimas do misterioso mundo da criança. E mais além, para lá daquelas montanhas que parecem transparentes na distância, como fantasticos ice-bergs, as mecrópoles deste incerto instante da terra. O poeta Verhaeren sugeriu e passou. Paul Morand teve sua época, numa colorida literatura de mapa-mundi, até que um dia deixou-se por Vichy e desapareceu na voragem...

Agora os pobres não viajam. Pelo menos, é o que se pode concluir da crise do livro, comentada por todos os cronistas sem assunto. Não viajam porque o livro está caro, o preço de uma novela já não é aquela ínfima fração, aquele desprezível fragmento do preço de uma passagem transatlântica. E isso, justamente quando há tanto livro no mundo, que já se tem pensado em proibir novos lançamentos a fim de que os homens tenham tempo de ler o que já se publicou até agora...

Entretanto, não é só o preço que afasta os homens dos livros. Há mais coisas nesse terreno, das quais

nem cogita a nossa vã observação. Há, por exemplo o mau livro, e a desilusão que o mesmo cria. As vezes parece que a eterna atitude do amor e da morte esteja esgotada como excitante da ficção para os espiritos que desejem viajar pela paisagem do drama humano. As situações se repetem e realmente quase nada de novo existe sobre a claridade deste sol historicamente situado num tempo de transição. Este sol está iluminando um mundo que perdeu a sua tranquilidade, e já não acredita em muitas coisas. Daí também a fuga do livro. É um estado de espirito a oculta enfermidade da consciência humana. Porque desapareceram aqueles lugares de ontem, aquelas certezas de sempre o mesmo, a profunda tranquilidade daquelas séstas de provincias das quais os homens voltavam para contemplar de novo o mundo com retinas onde se dissipara a luminosa cinza da fadiga. Não há mais provincias em nenhuma parte. Vejam como só agora as metropoles são tentaculares, como queria o poeta flamengo. Quanta gente em cada bonde! Quanta miseria em cada meia duzia de homens que passam por nós! Quanto pequeno problema rondando em torno dos grandes, dos indisfarçáveis problemas da humanidade que se aproximam de seus momentos de crise final com passos inexoráveis de sombra! Pode alguém fechar os olhos ao mundo de hoje e deitar-se tranquilamente e ler a sua novela como nos bons tempos já sepultados? A porcentagem desses leitores deve ter diminuido muito. A maioria, sem dúvida para fugir a esta atmosfera de inquietação, atira-se à propria vida e a devora como pode. Parece haver qualquer coisa errada em tudo isso. Antes os homens fugiam pelo livro, viajavam pela novela, viviam no

romance quando não podiam existir na realidade tão profundamente como desejavam. Hoje eles se apegam à vida cujo valor está descendo, e entram em pânico quando não podem esgotá-la totalmente.